



Voz do Santuário

ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

PROPRIEDADE DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DAS PRECES • TELEFONE 912 DE GALIZES : : : : : DIRECTOR E EDITOR PADRE MÁRIO OLIVEIRA DE BRITO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ALDEIA DAS DEZ • OLIVEIRA DO HOSPITAL • COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA DE COIMBRA, L.D.A. • LARGO DE S. SALVADOR, 1-5 • COIMBRA • TELEF. 24

Glória a Deus

nas alturas do firmamento que canta o poder infinito do seu Criador; Glória a Deus que maravilhosamente nos criou e mais maravilhosamente nos remiu.

Glória a Deus «que do céu à terra enfim desceu, para subir os mortais da terra ao céu».

E na terra paz aos homens, aquela paz que o mundo anseia aquela paz que Cristo veio oferecer e trazer aos homens de boa vontade.

Certamente nunca como hoje se suspirou tanto pela paz e pela fraternidade entre os homens.

As nações vivem horas amargas, momentos de ansiosa expectativa. Umas de armas nas mãos, degladiando-se; outras preparando-se para eventuais surpresas, sempre possíveis. Há cerca de dois mil anos



que nos arredores da cidade de Belém se fez ouvir pela primeira vez, aquela mensagem divina, de júbilo, de paz e de amor, anunciando ao mundo a boa nova do nascimento do Salvador.

Glória a Deus nas alturas, e paz aos homens.

Mas os homens não querem a paz, porque vivem longe de Deus, riscaram Deus da sua vida e do seu coração.

A guerra afinal é filha e consequência lógica da transgressão dos direitos de Deus.

A ordem, a paz, entre as nações e os direitos dos homens, têm por base o respeito e a inviolabilidade dos direitos de Deus e por conseguinte aqueles só se tornarão eficazes na medida em que estes forem reconhecidos e respeitados.

Então sim, o mundo viverá tranquilo e a paz reinará entre os homens.

O SANTUÁRIO E SEUS PROBLEMAS

Já aqui se disse que o Santuário da Senhora das Preces não nasceu para o movimento de hoje.

Quero dizer que naquele tempo nem havia estrada, nem havia carros, nem havia parques, nem ninguém pensava nisso.

Os tempos mudaram, o progresso avançou e hoje a vida moderna desliza sobre rodas, quer dizer que hoje só há vida onde há estradas e carros a andar.

Aqui há 30 anos, o Santuário

da Senhora das Preces nem tinha estrada para eles, nem onde os pôr e por esse motivo a Romaria da Senhora das Preces estava reduzida a uma insignificante festa de Aldeia.

Pouco depois de 1940 a estrada Camarária chegou junto do Santuário, a Irmandade alargou a entrada, os carros começaram a vir e já hoje enchem o recinto a ponto de transbordarem para as estradas florestais, criando grandes problemas, exigindo parques

e vias de comunicação. Hoje é assim: ou se adapta o Santuário à vida moderna, ou cristaliza — e cristalizar é morrer. O movimento é vida, parar é morrer.

A direcção do Santuário está a empregar os seus melhores esforços no sentido de se conseguir alguns melhoramentos, necessários ao seu progresso.

Assim no mês de Novembro e Dezembro já gastou cerca de 70 contos em alargamentos do recinto da feira, de algumas ruas da mata e com um grande largo no meio da mata para parque de carros ligeiros.

Tem andado um engenheiro topógrafo de Coimbra a fazer o levantamento topográfico de todo o Santuário. Esta planta servirá de base para a organização de alguns projectos de obras necessárias e urgentes, para as quais esperamos a ajuda do Estado.

Pelo Santuário

E esta?!

Há poucas semanas a Mesa da Irmandade tomou conhecimento de o vizinho do lado do norte ter aberto, na estrada do Santuário, uma serventia de cinco metros e meio de largura.

A estrada, desde a capela dos Apóstolos até ao cruzamento do caminho do Chão Sobral, é pertença da Irmandade, portanto é propriedade particular.

Sendo, como é, propriedade particular, ninguém pode ali fazer serventia alguma sem o consentimento da Mesa da Irmandade. Tal consentimento nem foi pedido, nem concedido, nem mesário algum foi consultado.

Que o dono da mata faça dentro dela caminhos e estradas está no seu direito, mas abrir seven-

tias para propriedade particular, é ousadia de mais.

Até é muito de estranhar, de admirar e de espantar que se tenha feito tal serviço, quando é certo e sabido que a dita mata tem uma serventia legal que é o caminho de carro que vai para Alvoco e Aldeia e que até lhe atravessa a dita mata numa grande extensão.

Não há dúvida de que é um acto deselegante e de má vizinhança com a agravante de infelizmente, já não ser o primeiro no mesmo local. Lamentamos, com grande desgosto, que estes problemas sejam levantados por quem tem obrigação de saber o que faz e a quem ficava mais lindo e mais elegante ajudar o Santuário, em vez de o prejudicar como se está a verificar.

Assistência

Para as crianças da Creche e Patronato recebemos: 100\$00 do Sr. José Oliveira da Costa, residente em Coimbra; do Sr. António Inácio Ribeiro, de Vide, 100\$00; do Sr. Evaristo Marques

dos Santos, de Pomares, 100\$00; e do Sr. José Tavares de Carvalho, de Aldeia das Dez e residente em África, 2 000\$00.

Os nossos agradecimentos.

Voz do Santuário

deseja

aos seus

assinantes

e leitores

Natal Feliz

e Ano Novo

cheio

de venturas

Dizem Velhos Manuscritos

23.º P.º Francisco Alves da Silva Assis

Era primo direito do desventurado Francisco da Silva Assis, meu terceiro tio paterno, a quem balas assassinas de uma guerrilha dos lados de Vendas de Galizes, na casa do Vale, ao Soito Meirinho roubaram a vida aos 20 anos de idade.

Nasceu em Aldeia das Dez, no dia 24 de Fevereiro de 1799 e foi baptizado em 1 de Março seguinte.

Era filho de José da Silva Mota, natural de Folques, e de Maria Genoveva Alves, de Aldeia das Dez; e neto paterno de Pedro José Ferrão e Ana da Mota e materno de Januário Alves, de Vila Pouca da Beira e Genoveva Teresa de Jesus, da freguesia de Santos-o-Velho de Lisboa.

Foi cura da freguesia desde Junho de 1831 até Dezembro de 1847.

Exonerado das funções de cura, foi nomeado capelão em Foz da Moura, lugar que desempenhou até a sua morte, ocorrida em 20 de Março de 1850.

24.º P.º José Gomes

Foi este sacerdote o primeiro pároco a usar o título de «Vigário».

No dia 31 de Dezembro de 1847 fez o primeiro baptizado como pároco da freguesia, cargo que desempenhou até Maio de 1873.

Era muito ilustrado e dedicou-se ao ensino de Gramática e Latim em que foi distinto professor.

Durante dois anos, leccionou nestas e noutras disciplinas o ordenando José Alves Matoso, de Pisão de Coja que, mais tarde, havia de ser bispo da Guarda.

Foi também prior em Cabanas no Concelho de Carregado Sal.

Nasceu em Penalva de Alva, no pequeno lugar de Abicoca, em Novembro de 1810, sendo baptizado em 20.

Foram seus pais José Gomes e Eufêmia Angélica e seus avós: paternos, António Gomes e Maria Nunes e maternos, Matias Francisco e Maria Marques.

25.º P.º José Joaquim Pereira Abranches

Mais um pároco muito ilustrado que teve Aldeia das Dez, sua terra Natal. Este, porém, dedicou-se ao ensino primário mais do que ao secundário.

Assim, por carta régia de 25 de Janeiro de 1865 foi provido no lugar de professor de instrução primária em Aldeia das Dez.

A carta que o nomeia está registada no Governo Civil de Coimbra, em 19 de Dezembro de 1866, no Livro de registo dos professores.

Nasceu em 26 de Dezembro de 1828.

Foram seus pais Joaquim António de Abranches e Margarida Rita Bento da Costa Neto paterno de António Pinheiro, do Secolinho, e Arcângela Maria Pereira e materno de António Antunes Patrício da Costa, de Nogueira do Cravo e de Maria Bento da Costa.

Paroquiou a freguesia, como vigário, desde Junho de 1873 até Março de 1886 em que foi transferido para Sangalhos, no Concelho de Anadia.

26.º P.º António Soares Correia

Mais um pároco de quem ainda ignoro a naturalidade e a família a que pertencia.

E, não tendo encontrado o processo de habilitação a ordens sacras, limitar-me-ei, por nada mais saber a seu respeito, a dizer que foi vigário da freguesia desde Março de 1886 a Fevereiro de 1891.

27.º António Freire dos Santos Abranches

Ainda outro sacerdote de quem sei apenas que foi vigário da freguesia desde Fevereiro de 1891 a Outubro de 1893.

28.º P.º José Antunes Rodrigues

Era natural de Travanca de Lagos, onde nasceu em 29 de Agosto de 1866 e foi baptizado em 8 de Outubro seguinte.

Foram seus pais Manuel Antunes Rodrigues natural da referida freguesia e Maria da Conceição, de Arcozelo freguesia de

Meruge; e seus avós, pelo lado paterno Sebastião Antunes e Maria Joaquina e pela parte materna, Silvestre Pinto e Ana Ribeiro.

Conheci este sacerdote na minha meninice, tendo dele algumas recordações, provocadas por certos acontecimentos que hoje lembro com nitidez e alguns dos quais definem, com precisão, qualidades de que era possuidor.

E, não obstante a pouca idade que então eu tinha — 5 para 6 anos — tão vivos ficaram em mim que parece terem sucedido há meia dúzia de dias, em vez dos 75 anos que efectivamente já decorreram sobre eles.

Assim, para definir a sua bondade de pastor amigo das crianças, lembro-me do episódio seguinte de que fui a personagem mais destacada.

Em certo dia, brincava eu no recinto limitado pelas quatro paredes que haviam de ser o esqueleto da casa que meu Pai mandou construir, ao Cabo do Lugar, na bifurcação da Rua Doutor António Correia da Fonseca, no caminho para Vale de Maceira e na rua que seguia para o Secodinho.

O P.º Antunes que ali se encontrava, conversava com meu Pai. E, talvez porque o assunto da conversa estivesse esgotado, ela derivou para o que viria a ser no futuro o brincalhão que ali, a dois passos deles, tentava em vão remover para outro sítio uma pedra que o impedia de continuar a *construir a estrada* pela qual havia de passar o seu *carro* feito, com certeza, de algum carrinho de linhas.

O P.º Antunes vendo a inutilidade dos meus esforços sentou-se sobre a pedra em questão e, colocando-me sobre os joelhos, contou-me *histórias* a que não liguei a menor importância e fez-me perguntas ás quais respondi, por ventura mal humorado, por ver interrompido a concretização imediata do «projecto» que tinha em mente; por último propôs-me jogar a «Mão-Morta, Mão-Morta».

Toma-me, então, a mão direita...

Mas, Deus meu, para que continuar a narrativa, se sou forçado a contar o desacato que, então, cometi?

Sim... é preferível calar o resto que hoje só de mim é conhecido.

São já passados 75 anos sobre o acontecido e hoje somente anseio que lá no outro mundo, onde a sua alma dedicada e amiga vive agora, tenha reiterado o perdão que então me deu para a insolência que pratiquei de dar, na sua testa, a bofetada que na minha ele queria dar nesse malfadado «Mão-Morta, que o «sal, sal, sal» final exigia sempre.

Mas o P.º Antunes não era apenas o passa-culpás, bondoso que tivemos ocasião de ver.

Alguma coisa era mais do que isso. No seu convívio com os paroquianos era atencioso e dedicado amigo de todos; nas horas más por que passassem, ele estava sempre presente, assistindo-lhes, conforme os casos, com palavras amigas de consolação ou com o seu conselho sensato.

Mas há mais; em horas difíceis ou trágicas era arrojado, decidido e, ao mesmo tempo, calmo. A prová-lo o seguinte facto que a muitos emocionou.

O Albano dos Santos, morador ao Secolinho, quis, um dia, prolongar uma mina que tinha junto da sua casa para aumentar o seu caudal de água. A mina, porém, deu desde logo em rocha e só a «fogo» podia ser feito o trabalho desejado.

Assim, num fatídico dia dos fins de Agosto, por volta do meio dia, ouviu-se um forte estampido e, alguns momentos depois, um «*acudam*» aflitivo e angustiado, anunciador de alguma desgraça.

Efectivamente, dera-se uma tragédia que havia de deixar na orfandade 6 crianças das quais a mais velha tinha apenas 14 anos e a mais nova ainda não era nascida. Um operário estava preparando um «tiro» que havia de fazer detonar ao meio dia quando largasse o trabalho para o jantar.

Deu-se, porém, uma explosão prematura e o infeliz recebeu uma violenta descarga de pedra do «tiro» que estava atacando, tendo ficado com uma parte do intestino fora do ventre. Momentos depois ele jazia inanimado à boca da mina, para onde, muito a custo, foi arrastado pelo companheiro de trabalho que, apesar de mal tratado pela inesperada explosão, ainda conseguiu trazê-lo até ali.

A má nova correu veloz pelos lugares próximos, enchendo de mágoa e horror todos quantos dela tiveram conhecimento.

Muitas houve que abandonaram as suas ocupações e acorreram ao local do sinistro.

E eu que, casualmente, passava por ali naquele instante em direcção a Aldeia, mal podendo avaliar a extrema gravidade do acidente, vi no caminho o P.º Antunes correndo, como louco, para o local do sinistro.

(Continua)

ALDEIA DAS DEZ

No mês de Janeiro celebram-se as festas dos *Santos da Neve*

Assim no dia 15 é a festa de Santo Amaro, no lugar do Ave-lar, com missa às 11 horas.

No dia 17 é Santo Antão. Este ano é um domingo. A missa será às 11 horas.

No dia 25, é no lugar do Gou-linho. A missa será às 11 horas e em seguida leilão das ofertas.

CONGRUA PAROQUIAL

Já se procedeu em todos os lugares da freguesia à cobrança da *congrua paroquial* que é destinada à sustentação do Pároco.

Aqueles que ainda não cumpriram a sua obrigação, podem fazê-lo aos domingos, no fim da missa paroquial, na sacristia.

Aldeia das Dez e os vários lugares já têm muitas casas fechadas devido à emigração. Daqui a mais nem há que fazer nem há que comer.

Segundo as leis da Igreja as famílias ausentes também deviam contribuir para a sustentação do Pároco. Até hoje são poucas as famílias que o fazem.

CASAMENTOS

No dia 14 de Novembro realizou-se o casamento da menina Maria Arlete Garcia Madeira, que foi vários anos empregada da Creche com o Sr. Rogério Garcia do Espírito Santo, natural da Rapada, freguesia de Penalva d'Alva.

No dia 28 de Novembro realizou-se o casamento do Sr. Manuel da Piedade Lopes, do Sobral Magro, com a menina Maria da Conceição Fonseca, natural e residente na Gramaça.

No dia 19 de Dezembro realizou-se o casamento de Maria Helena Dias Mendes, do Secolinho, filha de José Mendes Bento e de Palmira Madeira, com o Sr. António Teixeira do Alvarado, natural do concelho de Vila Real e residente em Lisboa.

Os quatro Evangelhos

Um livro que todos os cristãos devem possuir e ler.

Se não pode comprar a Bíblia, ao menos compre os *quatro Evangelhos*.

LIÇÃO DO PASSADO A RESTAURAÇÃO

Estava tudo planeado com cuidado e cautela pelos conjurados. Havia eles sabido guardar o segredo necessário. O ânimo popular estava preparado para dar todo o apoio ao acto da proclamação da revolta a amplitude necessária. O Duque de Bragança fora sondado e aceitara o arriscado cargo real.

A manhã do dia 1 de Dezembro de 1640 — com o dia começaria o feito — surgira límpida e radiosa. O sol animava as audácias.

Os conspiradores foram-se juntando cerca dos Paços da Ribeira. Duas nobres damas — D. Filipa de Vilhena e D. Mariana de Lencastre armaram seus filhos D. Jerónimo de Atayde e D. Francisco Godinho e António Fernando Teles da Silva para a batalha de que se julgava assinalaria aquele dia prometedor.

João Pinto Ribeiro, alma da conspiração, andara toda a noite num virote, nas últimas combinações. Ninguém faltou. Mas com ares pacíficos, nos seus coches de festa para não alarmar os castelhanos. Naquela manhã

iam mais fidalgos do que os do costume, mas a guarda de D. Margarida, Duquesa de Mântua — vice-rainha — não desconfiara. Iam com ares tão prazenteiros e pacíficos e normais! Festa no Paço haveria para irem tantos naquele dia...

O plano era o grosso do grupo entrar no Paço e ficarem fora, como que alarpados nos coches, Jorge de Melo, Estevão da Cunha António de Melo e Castro, o Padre Nicolau da Maia e outros, para, dado o sinal dos que invadiram o Paço, assaltarem, de surpresa, o aquartelamento da guarda castelhana. Mas não tardou que um grupo — Afonso de Meneses, Gaspar de Brito Freire Marco António de Azevedo — precipitasse os acontecimentos, irrompendo pela sala dos arceiros tudescos. Tão inesperada foi a irrupção, que os alemães não tiveram tempo de deitar mão às armas. De resto os fidalgos anteciparam-se, derrubando os armeiros das alabardas, emalanhando todo o material de guerra no chão. As espadas dos assaltantes luziram logo, afugentando

os atrapalhados arceiros. Alguns destes ainda puderam lançar mão das armas e ofereceram resistência decidida, impedindo o acesso aos departamentos de Miguel de Vasconcelos, o odiado secretário do Governo castelhano e o corredor, que levava aos aposentos da Duquesa de Mântua. Os baluartes castelhanos estavam tomados. Pedro de Mendonça, Tomé de Sousa, Luís Godinho Benavente, acabam com a última resistência dos tudescos, que fogem, deixando um morto e vários feridos. O venerando D. Miguel de Almeida, cheio de alegria, vendo a vitória daquele primeiro passo da revolta, assoma a sua ampla veneranda barba branca a uma das janelas do Paço e, de espada em punho, clama para o povo que entretanto se reunira no largo:

— Liberdade! Liberdade! Viva El-Rei D. João IV, nosso senhor! O Duque de Bragança é o nosso legítimo rei!

A turba contagia-se deste entusiasmo jubiloso e aclama o novo rei com delírio. O octogenário fidalgo é o simbolo de Portugal, velho de séculos, rejuvenescido pela revolução. Antes que a guarda castelhana viesse a si da surpresa, Jorge de Melo e os seus correm sobre os soldados. A resistência destes cede ante as espadas lusitanas. Dos portugueses só o alferes Morais Leitão de Lima, foi ferido com uma coronhada. Com os fidalgos combatiam dois padres — Nicolau da Maia e Bernardo da Costa, que usavam a espada e a palavra a incitar os conjurados. Havia estado muito antes entre a multidão a excitá-los e incitá-la.

A guarda castelhana, dispersa, não consegue refazer os seus quadros. Estava decisivamente derrotada.

D. António Tello havia jurado que seria o primeiro a ferir Miguel de Vasconcelos, o odiado secretário do Governo opressor. Viu passar Mansos da Fonseca, um dos confidentes do português renegado, correr para o forte, a fim de prevenir Vasconcelos, antes de este ser surpreendido pelo que fulminantemente já se realizara. Mas outros fidalgos, dispersos os tudescos, para lá correram também. E ali se reuniram, de pronto, Pedro de Mendonça, Aires e João de Saldanha, Sancho Dias, João de Saldanha da Gama, D. João de Sá de Meneses, os dois filhos de Filipa de Vilhena, D. Jerónimo de Atayde, D. Francisco Coutinho, Tristão da Cunha de Atayde, Luís da Cunha, e

Nuno da Cunha, D. Manuel Childe Robim, D. António da Cunha e outros. Era uma turba numerosa e impetuosa. Apareceu-lhes o corregedor Francisco Soares de Albergaria, espantado olhava o tumulto insólito.

— Viva El-Rei D. João IV! — Ele teve a imprudência de responder com um corajoso «Viva El-Rei D. Filipe!». Duas balas puseram termo àquela fidelidade ao rei estrangeiro.

Houve pugnas com alguns funcionários da Secretaria do Estado.

Os conjurados desesperavam-se porque não encontravam o secretário Vasconcelos, apesar de revistarem toda a casa. É que Mansos da Fonseca chegara a avisá-lo. Estava ainda deitado. Vestiu-se à pressa. Sentiu fortes aldravadas na porta e logo depois pancadas de machado a despedaçar a madeira. Pegou numa clavina e meteu-se num armário e fechou-se por dentro. Mas os conjurados, não o encontrando, olharam em torno. Viram o armário. Estaria ali? Arrombaram-no. Talvez se tivesse mexido e o rumor houvesse denunciado o esconderijo. Abriam violentamente o armário. Não teve tempo de usar da clavina. Sobre ele se dispararam vários tiros.

Logo em seguida, morto o mísero secretário, D. Miguel de Almeida e outros correram para os aposentos de D. Margarida, Duquesa de Mântua, vice-rainha. Outros arremessaram o cadáver de Miguel de Vasconcelos ao Terreiro do Paço, onde a turba cometeu indignos desacetos sobre ele.

João Pinto Ribeiro improprou os irmãos da Misericórdia, que não receberam o cadáver de quem já dera contas dos seus actos a Deus e aos homens. Dois dias estiveram os restos mortais vilipendiados do odiado secretário expostos ao ar livre e aos insultos da canalha, D. Gastão Coutinho chamou alguns homens do serviço da Ribeira e ordenou-lhes que o removessem. Comprou por 600 reis uma pobre mortalha. Envolvendo nela o corpo enxovalhado pelos insultos da gentalha, remeteu-o para uma cova rasa do cemitério. Assim foi para a final jazida, ainda sob pedradas ferozes, quem pouco antes exercia todo o poder em Lisboa.

Entretanto os conjurados violaram os aposentos da vice-rainha, e dos funcionários e criados que a serviam. A Duquesa de Mântua era uma dama nobre e varonil. Sentindo o tumulto veio ao encontro de quem o fazia. E do alto de uma varanda, brandou ao povo, junto na praça:

— Que é isto, portugueses?! Onde está a vossa beldade?!

D. Miguel de Almeida, Fernão Teles de Meneses, D. João da Costa e outros, sem violência excessiva, obrigaram-na a retirar-se da varanda. A Duquesa já sabia da morte de Miguel de Vasconcelos. Lamentava-a, mas compreendia que os seus excessos haviam suscitado iras. Mas a morte dele devia bastar para todos estarem satisfeitos. Agora, aquietassem-se para evitar mais sangue. O arcebispo de Braga, D. Sebastião de Matos, que estava no Paço, veio juntar-se à duquesa e pretendeu reforçar as suas recomendações. D. Miguel de Almeida interrompeu-o, dizendo-lhe que a custo lhe evitara a sorte do secretário. O prelado retirou-se e D. Margarida invocou a autoridade de Filipe IV, que representava. Respondeu-lhe que o rei de Portugal era desde aquele momento o Duque de Bragança. A duquesa irou-se e quis assomar à varanda para falar ao povo.

D. Carlos de Noronha, manco impaciente, quis acabar com aquela cena, já longa, e disse, exaltado:

— Não nos obrigue Vossa Alteza a faltar-lhe ao respeito! — A mim?! Como?!

— Obrigando-a a, não querendo sair por aquela porta, sair por aquela janela.

A duquesa compreendeu que a situação era grave e saiu pela porta.

No Paço estava vitoriosa a revolução dos conjurados e muito mais facilmente do que esperavam. Faltava generalizá-la ao País, a começar por Lisboa.

O arcebispo D. Rodrigo da Cunha, mal rebentara a revolução, convocara o Cabido e com ele fazer preces na Sé pelo triunfo da revolta. Mandou abrir as portas da Sé e o povo e alguns dos conjurados irromperam pela nave.

(Continua na página 4)

Assinaturas pagas

Novembro-Dezembro

Com 15\$00 pagaram os Senhores:

Armando Marques Dinis, Aldeia das Dez.

António Gertrudes, Aldeia das Dez.

Francisco Gomes, Aldeia das Dez.

Carlos Pais Quintino, Cimo da Ribeira.

Emídio Lemos, Parente.

D. Aida Dinis Luísa, Lisboa.

José Augusto Madeira, Aldeia das Dez.

Manuel Nunes André, Coimbra.

Com 20\$00 pagaram os Senhores:

Adelino Lopes Mendes, Alvoço de Várzeas.

D. Ana de Moura Hall, Aldeia das Dez.

D. Augusta Mendes Nunes, Aldeia das Dez.

P. João da Costa Antunes, Lagos da Beira.

Abílio da Silva Mendes, Alvoço de Várzeas

D. Maria dos Prazeres Dinis, Quinta do Val, Venda da Esperança.

Serafim Dias de Oliveira, Aldeia das Dez.

Armando Mendes, Lisboa.

Com 25\$00 pagou o Senhor: Manuel Nunes da Fonseca, Aldeia de Nogueira.

Com 30\$00 pagaram os Senhores:

José Dias de Oliveira, Lisboa.

D. Ilda de Jesus, Luadas-Benfeita.

Com 50\$00 pagaram os Senhores:

Víctor Fernandes da Costa, Casal de Abade.

Manuel Augusto dos Santos, Aldeia das Dez.

João Loureiro, Oliveira do Hospital.

António Roque Júnior, Lisboa.

D. Maria de Fátima de Jesus Garcia, Caldas de S. Paulo.

Serafim Moreira, do Avelar e residente em Lisboa.

Com 10 francos a Senhora:

D. Maria Adelaide da Conceição, de Aldeia das Dez e residente em França.

HINO DA RESTAURAÇÃO

I-XII-1640

Portugueses celebremos
o dia da redenção
em que valentes guerreiros
nos deram livre a Nação

A fé dos campos de Ourique
coragem deu e valor

aos famosos de quarenta
que lutaram com ardor.

P'rá frente, p'rá frente
repetir saberemos
as proesas portuguesas
Avante, avante
é a voz que soará triunfar
Vá avante mocidade de Portugal

Nascimento do Salvador

No tempo de Jesus, a Palestina estava sujeita ao Império Romano.

O Imperador César Augusto, querendo saber quantas pessoas viviam em todo o Império, mandou fazer um recenseamento geral da população, obrigando cada pessoa a ir inscrever-se nas cidades onde tinham nascido os antepassados mais ilustres. Nossa Senhora e S. José eram descendentes do rei David e este havia nascido em Belém. Por isso tiveram de ir inscrever-se àquela cidade, que ficava a mais de 150 quilómetros ao sul de Nazaré.

Não tendo encontrado lugar nas estalagens e hospedarias, saíram para fora da cidade, à procura de um lugar onde pudessem pernoitar.

À falta de melhor, acolheram-se a uma gruta que encontraram perto da cidade e que servia de curral para animais.

Nove meses se tinham passado já, desde o dia em que o Arcanjo S. Gabriel viera anunciar a Nossa Senhora que Ela seria a Mãe de Jesus, Maria estava, por isso, prestes a ser Mãe.

Ora aconteceu que, enquanto ali se encontravam, chegou o momento de Ela dar à luz. Jesus nasceu. Nossa Senhora envolveu-o em panos e deitou-o na mangedoura.

Naquela região havia pastores

que se revezavam durante a noite para guardar os rebanhos.

De repente o Anjo do Senhor apareceu junto dos pastores e viram-se envolvidos pela luz de Deus, o que lhes causou grande temor. Mas o Anjo disse-lhes: «Não tenhais medo, pois eu venho dar-vos uma grande notícia que será motivo de grande alegria para todos: hoje na cidade de Belém nasceu-vos um Salvador, que é Cristo Senhor. Eis o sinal para o reconhecerdes: encontrareis um Menino envolto em panos deitado numa mangedoura». No mesmo instante,

muitos outros anjos se juntaram ao primeiro, louvando a Deus e cantando: *Glória a Deus nas alturas e paz aos homens de boa vontade.*

As primeiras visitas.

Logo que os Anjos os deixaram, para voltarem ao céu, os pastores disseram uns aos outros: Vamos a Belém ver o que o Senhor nos anuncia.

Partiram a toda a pressa e lá encontraram Maria, S. José e o Menino deitado na mangedoura. Depois de o verem contaram o que o Anjo lhes tinha dito acerca

do Menino. Todos ficaram admirados com o que eles diziam. Os pastores regressaram para junto dos seus rebanhos, glorificando a Deus por tudo o que tinham visto e ouvido.

Assim foi o nascimento de Jesus, no meio de maior pobreza: por casa teve um curral de animais; e por berço uma mangedoura.

Deus amou-nos tanto que nos deu o Seu próprio Filho, afim de que todos aqueles que nele acreditam não se percam, mas tenham a vida eterna.

Se Deus amou assim, também nós devemos amar-nos uns aos outros.

Se Jesus, sendo Deus, se humilhou tanto que se fez Homem, nós que somos simples homens, devemos também humilhar-nos sob a mão poderosa de Deus, para que Ele nos exalte um dia. Deus resiste aos soberbos, mas dá a sua graça aos humildes.

Jesus quiz nascer na maior pobreza. Ele ensina-nos assim a renunciar às ambições terrenas, para vivermos na sobriedade, na justiça e no amor.

A FREGUESIA PRECISA DA TUA AJUDÁ

Meu irmão, já pensaste que és um membro da Família Paroquial, e que só progredirá a tua paróquia na medida em que te sacrificares por ela?

Não tenhas a pretensão de se erguer o edifício social e religioso da tua paróquia com as pedras vivas dos outros membros que a compõem, sem que para tal não concorras também com a

tua ajuda. Procura ser pedra trabalhada, valorizando-te, para que seja posta no lugar que mais convenha. Não faltará quem te aconselhe.

Por isso não embarces quem trabalha, não te ponhas de lado deixando passar os outros sem que tu os acompanhes, não te coloques apenas no campo de quem recebe mas que nada tem para dar, não te consideres apenas sujeito de direitos alienando obrigações. Vive sim, mas não apenas para ti, seria egoísmo; mas vive também para os outros já que eles se interessam por ti.

Dá para que recebas, porque receber sem dar avilta e rebaixa, e levás os outros a fecharem-se também.

As tuas mãos, meu irmão, têm uma dupla função: — dar e receber — Senão vê: — Tu as pões na oração e dás a Deus o preito

da tua adoração e amor, mas em seguida tu as abres para receberes os seus favores de que tanto precisas.

Tu as estendes na esmola que dás ao pobre, na oferta que depositas no altar, na dádiva para as obras paroquiais, mas em seguida as recolhes, feliz e contente, por minorares a miséria de quem é homem como tu, embora mais infeliz, e para compartilhares daqueles benefícios que tu ajudaste a realizar.

Dá para que recebas e recebe para que tenhas que dar; a caridade nunca te deixa de mãos vazias porque radicando em Deus a sua nascente é inesgotável.

Até o pobrezinho que parece nada ter, ao receber a tua esmola, devolve a sua paga na oração que faz e no sorriso que esboça, além da recompensa que mereces

d'Aquele que se esconde sob os seus andrajos e farrapos.

Por isso valoriza a tua paróquia com a tua caridade, entra na equipe dos responsáveis que a ajudam a erguer promovendo o seu bem-estar social, inscreve-te nas obras de apostolado sob a égide do teu pároco que tu deves respeitar, para que ela seja célula viva neste corpo admirável que é a Igreja e que nós queremos renovada com o oxigénio puro que brota abundante do Concílio Vaticano II.

Vive assim para a tua paróquia; que ela conte com a tua disponibilidade sem reservas, para que quando alguém responsável precisar de ti para bem da comunidade, possa bater à tua porta na certeza antecipada de ser aberta de par em par. Desta forma serás um elemento digno e prestimoso no meio dos teus irmãos.

MEDITANDO NO PRESÉPIO

*Considerai Deus Menino
e meditai sempre nisto:
parecer tão pequenino
e ser Ele o próprio Cristo.*

*Em pobreza singular
Eis aqui o nosso Deus
que vem para nos salvar,
a nós, pobres filhos seus.*

*Pequenino tão miúdo
e pobre como ninguém
sendo Ele Senhor de tudo
parece que nada tem.*

*Foi Ele que nos criou,
este Menino Jesus,
e depois determinou
vir morrer por nós na cruz.*

*Para não nos ver perdidos
é que por nós quiz morrer,
— Sejamos lhe agradecidos,
é esse o nosso dever.*

*Por nosso proceder louco,
a maior ingratidão
é recebermo-lo tão pouco
na Sagrada Comunhão.*

*Se servirmos de guarida
a Cristo Nosso Senhor,
encontraremos na vida
uma jóia de valor.*

*O valor da Comunhão
não o sabeis, ó ateus,
e por má opinião
não acreditais em Deus.*

*Se soubesseis meditar
no presépio, como nós,
havíeis de acreditar
que um Deus vela por nós.*

Chão Sobral 25/12/970

MANUEL LOURENÇO

Lição do Passado — A Restauração

(Continuado da página 3)

O arcebispo, o cabido e numeroso outro clero, formaram uma numerosa procissão, dirigindo-se ao Senado da cidade. Nas escadas da Sé o Padre Nicolau da Maia, numa das mãos um crucifixo, na outra uma espada, tentou falar ao povo, mas desistiu porque as aclamações não lhe permitiam fazer-se ouvir.

O presidente do senado, cujos dois filhos eram dos conjurados, saiu a receber a procissão com a bandeira da cidade, desfaldada. Foi um delírio de aclamações. O entusiasmo estendeu-se a toda a cidade.

Um fasto encheu o povo todo

de entusiasmo e confiança. Num crucifixo que um cônego erguia desprendeuse um dos braços. O povo quis ver nisso um milagre. Era o braço de Cristo a abençoar a revolução. As aclamações redobram.

A guarnição espanhola da cidade não se atreveu a opor-se à vontade unânime e entusiasta da cidade e cedeu logo. E os serviços públicos, que haviam começado o dia despachando em nome de El-Rei D. Filipe IV o terminaram despachando em nome de El-Rei D. João IV. As guarnições das fortalezas e as tripulações dos navios de guerra foram cedendo sem combate.

As grandes dificuldades adviriam breve. A Espanha era a mais poderosa nação da Europa. O Conde Duque de Olivares, primeiro-ministro de Filipe IV não cederia sem combate. E foram 28 anos de guerra. Os portugueses a venceram, como haviam vencido a revolução.

Aquilo do 1 de Dezembro de 1640 foi assim, como fica sumariamente descrito. A história de Portugal é assim: vencendo dificuldades que pareciam invencíveis. Destes acontecimentos do passado colhamos lições para o presente. E venceremos também as dificuldades actuais.